

CXIV

Sem dizer “água vai!,,

Inesperadamente; sem o mais pequeno aviso ou prevenção; sem dar cavaco a ninguém: «Um pai velho, que volta para casa sem dizer água vai!» (Castilho, Volta inesperada). — «Com que então, chega-se aqui, arranja-se logo noivo, e muito caladinha, sem dizer água vai?» (Vieira da Costa, Entre montanhas).

Água vai! era o aviso que em Lisboa, e outras cidades, se fazia das 10 ou 11 horas da noite em diante, ao despejarem-se das janelas e das portas, para a rua, as matérias fecais e mais imundícies durante o dia acumuladas nas habitações.

O uso preventivo de *água vai* é, pelo menos, quinhentístico, segundo informa Júlio de Castilho na sua *Lisboa Antiga*, v, 158, onde vem transcrito este verso de Simão Machado, na comédia *Cêrco Diu*:

O peloiro quando sai
não vai dizendo água vai.

*

A fórmula *água vai!* era regulamentar. Assim, uma postura municipal de Coimbra, referida por Júlio de Castilho, na ob. cit., v, 168, proibia muito especialmente que se deitasse água à rua sem se dizer duas vezes — *água vai!*

Uma postura municipal de Elvas, de 1617, prescrevia: «Ordenarão que nenhuma pessoa lance Agua da Janela nem da porta para Rua sem primeiro dezer Agua vai de maneira que não dei com ella em algeim e quem ho contrario fizer pagará cem Rés p.^a ho Rendeiro, etc.» ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ L.^o 1.^o das *Posturas* de Elvas, de 1617. Arq. Mun. armário n.^o 9. (Apud A. Tomás Pires, in *O Elvense*, de 1-VIII-86).

Pelo que toca a Lisboa, Pereira e Sousa (*Classes dos crimes*, Lisboa, 1816, p. 172) cita os editais do Senado, de 27 de Maio, e Junho de 1803, de 14 de Outubro de 1809 e de 14 de Dezembro de 1815, que puniam com prisão e pena pecuniária os que lançassem águas ou lixos na rua, desde as 10 horas da noite até às 5 horas da manhã, «sem dar as três vozes, com separação».

Da citada obra de Júlio de Castilho (Bairro-Alto, cap. XXIII) recorto a seguinte informação acerca do *água vai*, na capital: «Desde a libertação dos escravos, e mesmo desde alguns anos antes, tornaram-se em Lisboa as ruas perfeitos tremedais; falta-me o termo próprio, e ainda bem! Lisboa... ficou recoberta de um tapete infamíssimo, que não rescendia certamente a essência *bouquet*, nem a *jockey-club*. Nós mesmos ainda na nossa mocidade assistimos a êsse escândalo do bom gosto e do olfacto, a êsse alardo miserando de incúria nacional. Então suspirou-se pelos passados tempos, pelas pretas e pelos carretões! As posturas das câmaras (isto é que tem graça) pactuaram com o uso, e obrigaram a população a apurar a voz num falsete adorável dizendo «água vai!» O *água vai* entrou na linguagem e nos costumes... Há uma antiga postura de Coimbra que proibia muito explicadamente deitar água à rua sem dizer duas vezes «água vai». Água! como os vocábulos mudam de sentido!... E acrescenta numa nota, com toda a gravidade, o articulista do velho jornal de 1819, onde apanhei isto: É esta a prática das cidades bem policiadas»⁽¹⁾.

⁽¹⁾ No mesmo capítulo da obra de Júlio de Castilho se refere a informação de Fr. Nicolau de Santa Maria, de que no seu tempo as ruas de Lisboa eram limpas duas vezes por semana, por uns chamados *carretões das imundicias*; e acrescenta-se que mais tarde, antes do terramoto, o despejo se fazia por meio de pretas (*calhandreiras*) que o iam deitar à praia em aparelhos apropriados, que o povo chamava *calhandros*, e que eram uns boiões especiais. Depois da libertação dos escravos é que veio o *água vai*. Diz Júlio de Castilho que aí por 1839, ainda as negras *calhandreiras* iam despejar no canto

*

Às vezes faziam-se os despejos sem se observar a prevenção. Uma anedota, referente a Bocage, conta que, achando-se o poeta numa situação muito naturalística, recebera sôbre o dorso um balde de água chilra, que lhe despejara uma criada, a quem êle apostrofou neste chistoso improvisado:

Ó menina do toucado,
já que tem a mão tão certa,
venha buscar a oferta
que ficou do baptizado.

*

Popular (Alentejo).

Quando passo à tua porta
sempre dizes — água vai!...
Se me molhas o capote,
a multa paga-a teu pai ⁽¹⁾.

*

Também se usou em Hespanha o *água vai*. Num artigo de Filipe Perez y Gonzalez, intitulado *las menegildas de antaño*, e publicado in *La Ilustración Española y Americana*, ano XLVII, p. 250, comenta-se um passo da comédia *Hombre pobre todo es trazas*, de Calderon, e diz-se que êsse passo «allude à ser la hora en que las criadas vertían à la calle vasos mal olientes al ironico aviso, más de una vez maliciosamente tardio, de «Agua va!».

da Praia do Corpo Santo, no sítio ocupado hoje por edificações do Arsenal de Marinha.

(¹) Recolhida por A. Tomás Pires, in *Sentinela da Fronteira*, n.º 311, de 1-v-84.